

Lago despoluído, peixe contaminado

FOTOS: DIDA SAMPAIO



Ignorância, pouco caso ou mesmo o alimento fácil marcam a festa do pescador sortudo ou o lazer familiar gratuito em águas mansas com muito sol

Teresa Melo

Com investimentos de US\$ 200 milhões, aplicados na construção de duas estações de tratamento de esgoto, a poluição do Lago Paranoá vai chegando ao fim. Dos 40 quilômetros quadrados de área, 80% são considerados excelente e muito bom, de acordo com padrões do Conselho Nacional do Meio Ambiente. Entretanto, um alerta geral: os carás, traíras e tilápias que fazem a delícia dos pescadores podem estar contaminados.

Motivo: eles nadam à vontade, em meio a 50 mil coliformes por litro d'água. O máximo aceitável é dois mil e 500. Os peixes se concentram justamente nas duas únicas áreas poluídas, próximas às estações de tratamento, classificadas como impróprias para pesca e banho. As regiões vão da foz do Riacho Fundo ao Clube Nipo-Brasileiro, no Lago Sul, e da ponte do Bragueto ao Clube Olímpico da UnB, no Lago Norte. "É bom nem chegar perto", alertam os técnicos, mas é justamente aí que os pescadores fazem a festa. Atraídos pelo esgoto, de onde tiram nutrientes, os carás estão à disposição.

O esgoto pode ser útil ao peixe, mas este peixe não é necessariamente saudável para o homem. Por isso, um projeto para analisar a qualidade do pescado foi elaborado pela Caesb, UnB e Instituto de Saúde. "Estamos aguardando aprovação da Fundação de Apoio à Pesquisa, para o financiamento", diz Eliane Barreto Costa, chefe da Divisão de Monitoramento da Qualidade de Água da Caesb.

Alerta — Por enquanto, a ordem é não consumir peixes dos locais próximos às duas estações de tratamento de esgoto. "As pessoas não devem nem chegar perto de lá. São regiões ainda impróprias", adverte Irene Altafin, superintendente de Planejamento do Sistema de Água da Caesb.

Alheios a qualquer medida de segurança, os pescadores só se interessam pelo peixe. "Não sabia

que aqui era condenado", diz o vigilante Roberto Conde, de 22 anos, com anzol ao lado da estação de esgoto Norte. Acostumado a pescar no local há mais de 12 anos, nem o mau cheiro é capaz de desanimar o morador de Sobradinho, que chega a levar sete quilos de cará para casa. "No fim de semana, a gente reúne a turma e o peixe vai de tira-gosto".

Medo, Roberto não tem. Diz que nunca teve nada e nem soube de caso de contaminação. A única precaução é fritar bem o peixe. "Não há nada que resista a uma calor de 100°C", descarta. Já Genilson Dantas, de 20 anos, morador de Planaltina, costuma deixar de molho no vinagre e sal, antes de fritar. Pesca há três anos, perto da ponte do Bragueto, e também nunca sentiu nada.

Tese — "Se o peixe está vivo, correndo na linha, é o bicho mais puro do mundo", acredita o desempregado Joaquim Barbosa, de 27 anos, que aprendeu a pescar desde moleque com os tios, no Rio de Janeiro. Hoje, pesca na área condenada do Bragueto.

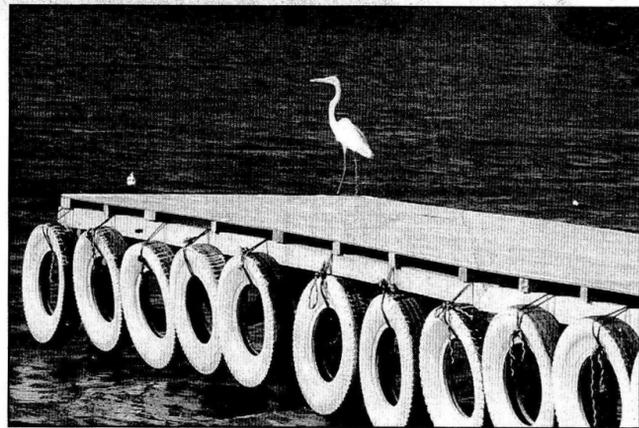
Usando tarrafa, proibida pelo Ibama, diz que tira 60 quilos por dia. "Chego em Sobradinho e dou peixe para todo o mundo".

Joaquim jura que não vende peixe, mas conta que meia dúzia rende CR\$ 3 mil nas feiras de Sobradinho e Paranoá. Numa conversa de pescador, ele diz que só pesca tilápia, enquanto a cinco metros de distância outros pescadores só pegam cará. Já a traíra costuma aparecer perto da Estação de Tratamento de Esgoto Sul, local predileto dos pedreiros Luis Carlos Gouvea e Thiago Santiago Gomes.

Moradores da Ceilândia, eles ficam perto do esgoto.

"Se o peixe está vivo, correndo a linha, é bicho puro"

JOAQUIM, PESCADOR



Um bom sinal. A volta das garças é promessa de águas limpas

ALERTA NA ÁGUA

Está sendo inaugurada, neste fim de semana, a sinalização no Lago Paranoá. São 16 bóias, com lâmpadas movidas a energia solar e protegidas por grades contra furtos. As bóias pretas estão nos dois locais impróprios para banho e pesca, enquanto as brancas liberam as águas para qualquer prática. Só não vale engolir.

As áreas condenadas ficam próximas às duas estações de tratamento de esgoto. No Lago Sul, começa na foz do Riacho Fundo e vai até o clube Nipo-Brasileiro. No Lago Norte, a região fica entre a Ponte do Bragueto e o clube Olímpico da UnB. "O esgoto de 370 mil habitantes é tratado nas estações do Lago Paranoá", diz Marcelo Teixeira, superintendente do setor, na Caesb.

Na Estação de Tratamento Norte, em atividade desde dezembro último, é tratado o esgoto da Asa Norte, Vila Planalto, e futuramente do Lago Norte e Vila Varjão. "O Lago Norte ainda não possui rede coletora", informa Teixeira. Já na Estação Sul, inaugurada em janeiro do ano passado, deságuam esgotos do Guará, Núcleo Bandeirante, Candangolândia, Setor de Indústria e Asa Sul.

Até a QI 5, do Lago Sul, o esgoto é coletado, mas é lançado sem tratamento no lago. Esta sujeira deve ser limpa em breve. A primeira etapa da licitação para instalar a rede coletora já foi aberta. Todo o projeto incluindo a construção das duas estações está avaliado em US\$ 200 milhões.

CRIME ECOLÓGICO

Construído em 1960 para favorecer a umidade do ar, gerar energia e proporcionar lazer, o Lago Paranoá foi maltratado durante mais de 20 anos, até responder com um verdadeiro desastre ecológico. Em 1978, houve um crescimento exagerado de algas, mortandade de peixes e um grande mau-cheiro empestou o Lago Sul. "Isso mostrou a necessidade de se tomar uma atitude urgente", diz Irene Altafin, da Caesb.

A partir de então, com apoio da Organização das Nações Unidas (ONU) e Organização Mundial da Saúde (OMS), os estudos sobre a poluição dos 560 bilhões de litros de água foram intensificados. Mas só no fim da década de 80 é que começaram a ser construídas as duas estações de tratamento de esgoto. Até aí, o recurso para a despoluição consistia em lançar sulfato de cobre, suficiente para matar qualquer tipo de alga, responsável pela formação de uma nata, onde o oxigênio não é filtrado.

"Desde o fim do ano passado, não foi preciso jogar sulfato no lago", revela Marcelo Teixeira, superintendente das unidades de esgoto. "A transparência do lago vai melhorar", garante. É isto pelo menos o que espera os brasileiros, principalmente os moradores das proximidades do local que por anos a fio sofreram com a fedentina originada da falta de oxigenação das águas devido ao crescimento de algas, um problema que, segundo os técnicos, faz parte do passado.